

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Lívia Laroqui de Carvalho

**A ENTREVISTA JORNALÍSTICA:
de Frost a Nixon, de Nixon a Frost**

Juiz de Fora
Dezembro de 2010

Lívia Laroqui de Carvalho

**A ENTREVISTA JORNALÍSTICA:
de Frost a Nixon, de Nixon a Frost**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau
de Bacharel em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Potiguara Mendes da
Silveira Jr.

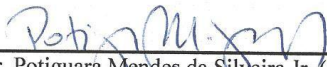
Juiz de Fora
Dezembro de 2010

Livia Laroqui de Carvalho
A Entrevista Jornalística:
de Frost a Nixon, de Nixon a Frost


Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Potiguara Mendes da Silveira Jr.


Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 09/12/2010 pela banca composta pelos seguintes membros:



Prof. Dr. Potiguara Mendes da Silveira Jr. (UFJF) – Orientador



Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – Convidado



Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido 90 (noventa)

Juiz de Fora
Dezembro de 2010

AGRADECIMENTO

A minha eterna gratidão aos verdadeiros mestres com os quais tive o privilégio de conviver durante estes anos na Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Com certeza, a formação que recebi nesta instituição foi e será de grande valia no mercado de trabalho, mas, principalmente, para meu crescimento pessoal.

Agradeço a todos os colegas de turma que deram vida e pluralidade a vários momentos felizes que recordarei com saudosismo e carinho. Aos meus amigos, pelo companheirismo e pelas palavras de incentivo nos momentos difíceis.

Ao orientador desta monografia, o Prof. Potiguara, pela paciência e pelo aprendizado. E às amigas Amanda e Gabriella pelo apoio e sugestões na revisão do projeto.

O meu muito obrigada!

RESUMO

A técnica da entrevista se sedimentou, nos anos 1940, com autores da Psicologia Social nos Estados Unidos. Edgar Morin escreveu sobre o tema em 1960, abordando-a nas Ciências Sociais e nos veículos de massa destacando-se a importância de personificar histórias. A. Garrett abrange a entrevista como uma técnica comum a vários profissionais, mas, principalmente, aos assistentes sociais. Ela destaca que o essencial é observar além da fala do entrevistado, levando em consideração seu comportamento. Nilson Lage categoriza as fontes e os tipos de entrevistas. O objetivo principal deste trabalho é compreender em que medida a Psicanálise pode contribuir ao estudo da entrevista. Teve, pois como questão norteadora: quais aspectos do inconsciente que um repórter pode perceber em seu entrevistado, como os atos falhos, por exemplo. Nessa perspectiva, este estudo teve como metodologia um estudo de caso qualitativo do Frost/Nixon (2008) que recorre ao conceito de Revirão, proposto por MD Magno [1982], como apto a descrever as reviravoltas dos papéis do entrevistado e entrevistador. É feita uma análise do filme à luz da teoria psicanalítica NovaMente. A escolha deste filme se justifica por retratar um marco, da história do jornalismo, e também da política dos Estados Unidos, quando da renúncia do presidente americano Richard Nixon devido ao escândalo de Watergate.

Palavras-chave: Entrevista; Jornalismo; Psicanálise; Richard Nixon; David Frost

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivo Geral.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Teorias sobre a entrevista.....	11
2.1.1 Nas ciências sociais e veículos de massa (Edgar Morin).....	12
2.1.2 Os princípios e métodos (A.Garrett).....	20
2.1.3 A visão jornalística (Nilson Lage).....	22
2.1.4 Semelhanças e diferenças.....	36
2.2 Conceitos da psicanálise	38
2.2.1 A pulsão.....	38
2.2.2 O revirão.....	40
2.2 Conceitos da psicanálise	42
2.2.1 A pulsão.....	43
3. METODOLOGIA	43
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 Análise do filme Frost/Nixon.....	43
4.2 Contexto histórico da entrevista.....	44
4.3 Aplicação do conceito psicanalítico de Revirão.....	44
5. CONCLUSÃO	53
6. REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Os 35 anos de experiência de Ricardo Noblat, como jornalista o permitem problematizar sobre questões importantes com relação às fontes ouvidas para formulação de uma matéria, dentre as quais destaca-se o mito da neutralidade dos discursos. Ou seja, Noblat defende a perspectiva de que as fontes têm interesses de forma que um discurso nunca é despretensioso.

Conheço a regrinha de ouro que todo aspirante a jornalista aprende nos bancos escolares e depois esquece. Ela manda que se ouçam as partes envolvidas em um episódio. E que se dê espaço nas matérias às suas opiniões. Só que isso nada tem a ver com a simples publicação de versões contraditórias. Cabe ao repórter perseguir a verdade. Não existe verdade absoluta. Nem uma única verdade. Dois repórteres que testemunhem um mesmo fato poderão narrá-lo de forma diferente. Mas se forem bons repórteres e honestos, não divergirão no essencial (NOBLAT, 2006, p.51).

Portanto, o profissional de Comunicação deve investigar melhor o contexto de cada afirmação haja vista que a responsabilidade da publicação recai sobre ele mesmo.

É no processo de apuração jornalística que este profissional se utiliza da entrevista como uma das formas para obter informação. Mas é possível ainda identificar a técnica como uma categoria separada, denominada *talk show*, a qual, por sua vez, constitui-se como programa televisivo ou radialístico composto, geralmente, por convidados e um anfitrião debatendo sobre determinado assunto ou até mesmo um perfil, refazendo a trajetória de vida do entrevistado.

Tendo como pressuposto que a entrevista é uma técnica fundamental para o trabalho jornalístico buscou-se, neste estudo, aprofundar a teoria sobre o assunto a partir do livro “Entrevista, o Diálogo Possível” de Cremilda Medina. Para fins desta pesquisa, utilizou-se como teóricos de referência Annette Garrett e Edgar Morin, ambos presentes no livro de Medina. Com relação à contribuição do jornalismo no estudo da entrevista, adotou-se a perspectiva teórica de Nilson Lage.

Na 6ª edição do livro “A Entrevista, seus princípios e métodos” (1974), originalmente lançado em 1942, A. Garrett aborda a entrevista como um processo que ocorre entre seres humanos, os quais, sendo marcadamente individualizados, não podem ser reduzidos a uma fórmula ou padrão comum. Entretanto, a autora afirma que certos traços psicológicos são comuns e caracterizam a maioria das pessoas. Afirma, pois, que “deve-se estabelecer uma relação entre um e outro, uma afinidade que permita ao entrevistado revelar os fatos essenciais da sua situação e ao entrevistador tornar-se capaz de auxiliá-lo” (GARRETT, 1974, p.19).

Em 1966, Edgar Morin publica o artigo “A Entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão”, que aborda a entrevista como sendo uma intervenção sempre orientada para uma comunicação de informações. Morin (1966) entende a ação como um processo psico-afetivo ligado à comunicação, destacando sua importância tanto nas ciências humanas quanto nos veículos de massa: “O universo do entrevistador é, portanto, muito mais rico e difícil do que parece à primeira vista” (MORIN, 1966, p. 116).

Nilson Lage, na obra publicada em 2003, “A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística” discute detalhadamente sobre o processo de produção da matéria. Em dois dos capítulos contribui para este trabalho descrevendo, sob sua ótica de jornalista, a categoria das principais fontes, e também sobre a relação entrevistador e entrevistado. Para Lage (2003), uma matéria jornalística necessita de fontes, que são informações fornecidas por instituições ou personagens as quais testemunham ou participam de evento de interesse público. Dessa forma, entende que “é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas” (LAGE, 2003, p. 49).

O autor classifica as fontes quanto a três aspectos, a saber: histórico, fundamentos teóricos e a natureza das fontes. Os tipos de entrevistas, do ponto de vista dos objetivos,

podem ser: ritual, temática, testemunhal ou em profundidade. Quanto às circunstâncias de realização, elas variam bastante, e podem ser definidas como: ocasional, confronto, coletiva, dialogal e a individual (exclusiva).

Após este panorama geral sobre as perspectivas dos teóricos no que se refere a entrevista, buscou-se estabelecer um diálogo entre a entrevista e uma sessão de análise, abordando suas aproximações e interfaces.

Para tanto, foi utilizada a contribuição de conceitos da Nova Psicanálise os quais podem ser úteis para o entendimento de aspectos relevantes que estão em jogo tanto no processo de apuração quanto na condução da entrevista.

Um conceito cuja aplicação ao jornalismo pode ser produtivo é o de Revirão (MAGNO (1982), que designa o modo de funcionamento do psiquismo (o inconsciente) a partir do entendimento de que tudo que vem à mente propõe também seu avesso, daí nosso perene desassossego. É o que é denominado na teoria de princípio de catoptria (katoptron: espelho; em grego).

Neste estudo, buscou-se aplicar o conceito psicanalítico do Revirão para analisar um aspecto do filme Frost/Nixon, lançado em 2008. Assim, a partir dessa articulação teórica, retratou-se como foram realizadas e conduzidas as entrevistas concedidas, em 1977, pelo ex-presidente americano Richard Nixon ao jornalista britânico David Frost sobre o escândalo de Watergate.

Até hoje, esta é a entrevista mais marcante da carreira de Frost e o que seria uma oportunidade para Nixon de ressurgir na carreira política. Um furo de reportagem que teve na entrevista seu principal método de Comunicação, merecendo destaque por sua importância na história do jornalismo e da política.

1.1 Objetivo Geral

Compreender em que medida a Psicanálise pode contribuir ao estudo da entrevista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Teorias sobre a entrevista

A entrevista, de um modo geral, progrediu com a aparição e o desenvolvimento das pesquisas de opinião, mas o estudo da técnica se sedimentou nas Ciências Sociais, nos anos 1940, com autores da Psicologia Social, principalmente nos Estados Unidos o qual reúne bibliografia extensa sobre o assunto.

De início, as pesquisas de opinião atuaram sobre grandes populações (classes sociais, grupos de idade, habitantes de uma região ou de uma cidade, população nacional), que interessavam às grandes firmas comerciais e industriais, partidos políticos, órgãos de informação e governos. Após essa fase, ganha destaque a técnica de entrevista não-diretiva, como veremos mais adiante, na contribuição de Edgar Morin (1966).

A Psicologia Social torna o *tête-a-tête* (interação pessoal popularmente conhecida como face a face) o elemento central da entrevista. É o que quase se poderia chamar de revolução rogersiana.

O grande princípio rogersiano é que nossa tendência a julgar, avaliar, aprovar, desaprovar, constitui a barreira mais forte à comunicação. Pelo contrário, o que a favorece é a atenção simpática, ou, pelo menos, a impressão (ilusão, às vezes) de atenção simpática, de compreensão profunda. Rogers se baseia na necessidade de expressão, uma necessidade intensa e talvez particularmente insaciável em nosso mundo, onde muitos não têm mais o Grande Ouvinte – nem de seu mediador católico, o padre; onde bem poucos – e somente os neuróticos – se beneficiam do neoconfessor, o psicanalista (MORIN, 1966, p. 124).

No livro “Entrevista, o Diálogo Possível” a jornalista Cremilda Medina (1986) cita alguns autores que contribuíram com suas visões para formar uma teoria sobre entrevista. Entre eles, destacamos Charles Nahoum (1958) e José Bleger (1976).

Para Nahoum (1958), a entrevista se classifica em três troncos: recolher fatos (os fatos propriamente ditos; como se entende notícia na teoria tradicional do jornalismo; sentimentos ou comportamentos tomados também como fatos), informar e motivar. Após o

esforço para “purificar” a técnica, o autor deixa entrever os limites do desempenho frio do entrevistador ao afirmar que “a entrevista é uma situação psicossocial complexa, em que as diferentes funções, embora analisáveis formalmente, são dificilmente dissociáveis na prática profissional” (NAHOUM, 1958).

Bleger (1976) enfatiza o papel do observador participante (o entrevistador) e a presença decisiva de sua personalidade, desmistificando, assim, a pretensa objetividade de quem pergunta ou encaminha a conversação, ou ainda de quem ouve as respostas do entrevistado. Segundo ele, o entrevistador deve investir, de imediato, em sua própria personalidade para saber atuar numa inter-relação criadora.

2.1.1 *Nas ciências sociais e veículos de massa (Edgar Morin)*

Morin (1960) enfatiza o estudo da entrevista não-impositiva ou não-diretiva. A definição teórica da entrevista para o autor é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação. Destaca, sobretudo, que a diferença aparece na natureza da informação.

Para Morin (1960), nas Ciências Sociais, a entrevista é voltada apenas para um pequeno grupo de pesquisadores, enquadrando-se em um sistema metodológico, hipotético e verificador. Já a informação, voltada para os veículos de massa, interessa a um vasto público e obedece às normas jornalísticas, frequentemente com um fim espetacular. Segundo este mesmo autor, o que caracteriza a entrevista é o fenômeno psico-afetivo constituído pela própria comunicação. O autor acredita no efeito liberatório, purificador, ou mesmo em psicopatologia, no efeito de cura.

No domínio do rádio e da televisão, a entrevista ultrapassaria a estrita missão de informar, pois ela é

uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim

essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa. (MORIN, 1966, p. 116).

Na ótica de Morin (1966, p.117), os tipos de entrevista são classificados em dois extremos: diretiva e não-diretiva. De um lado, a entrevista aberta, sem perguntas pré-formuladas e do outro a de questionário, que apenas oferece a opção de responder sim ou não. A primeira focada na importância da pessoa, enquanto a segunda, na resposta. A escolha por uma técnica ou outra depende do objetivo da pesquisa, podendo haver a combinação de ambas.

Entre estes dois tipos extremos, temos diferentes tipos de entrevistas cujas características estão descritas no Quadro 1

Quadro 1: Tipos de Entrevista

Tipos de Entrevista	Características
Entrevista de conversação clínica	Caráter terapêutico, estendida, em sua modalidade rogersiana, para o conjunto de situações psicossociais
Entrevista em profundidade	Inclui-se a conversação não-diretiva (Rogers) aplicada ao campo psicossocial, mas que não se limita ao método não-diretivo. A entrevista em profundidade é utilizada em pesquisas de motivação, mas se presta a múltiplas aplicações
Entrevista centrada (<i>focused interview</i>)	O investigador, após estabelecer hipóteses sobre um tema preciso, deixa que a conversa se desenrole bastante livremente, de maneira que o entrevistado libere toda sua experiência pessoal sobre o problema que lhe é apresentado
Entrevista de livres respostas	O entrevistador permite ou provoca a liberdade de improvisação nas respostas.
Entrevista de questões abertas	As perguntas são redigidas de antemão e devem ser formuladas segundo uma ordem precisa; a liberdade do investigador é bastante restrita, mas a do entrevistado continua grande no quadro das indagações apresentadas
Entrevista de respostas preformuladas	Diversas possibilidades de respostas, oferecendo ao entrevistado a liberdade de escolher entre elas.
Entrevista de questões fechadas	Comporta um questionário ao qual o entrevistado responde por sim ou não, favorável ou desfavorável.

Fonte: Adaptado de MORIN, Edgar. *Televisão e Canção: Liguagem da Cultura de Massas – Seleção de ensaios da Revista “Communications”*.

Entre as principais dificuldades na entrevista está alcançar a “verdade” quando se trata de relações humanas, suscitando gigantesco trabalho crítico e metodológico, tanto na entrevista de questionário quanto na entrevista não diretiva. A esse respeito, Morin (1966, p. 120) afirma que:

Não examinarei aqui os problemas levantados pela escolha das categorias, a preparação do código, mas essencialmente as questões relativas à estrutura da entrevista, enquanto relação interpessoal. O problema essencial é o da validade da entrevista, quer dizer, sua adequação à realidade que se pretende conhecer. O mínimo operacional de validade é a fidelidade, que se verifica pela concordância dos resultados obtidos por diferentes investigadores. A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente da dissimulação ou da fabulação.

Segundo o autor, o maior erro relacionado à resposta espontânea (aberta) situa-se no lado do investigador, na sua aptidão para decifrar a mensagem do entrevistado, em sua possibilidade de estabelecer uma comparação, ou seja, na sua capacidade para transformar em dados científicos um documento humano em bruto.

Segundo Morin (1966, p.121), “tudo” na entrevista depende de uma interação pesquisador-pesquisa, pequeno campo fechado, onde vão-se confrontar ou se associar gigantescas forças sociais, psicológicas e afetivas.

Diversos fatores perturbadores podem se manifestar no entrevistado. No que tange às perguntas, as respostas tenderão a ser fabuladoras e/ou dissimulativas, no que se refere às grandes regiões-tabus: o sexo, a religião, a política. Nesse último plano, as desconfianças serão mais ou menos grandes, de acordo com o regime do país, liberal ou não, em que estiverem sendo feitas as perguntas, ou segundo o caráter minoritário ou não, subversivo ou não, das opiniões políticas do entrevistado. Além do tabu, considerações de prestígio, de *standing*, podem falsear as respostas. No que concerne às questões de opinião e de convicção, a consciência fraqueja gradualmente, na medida em que se penetra na motivação. Em regra geral, a motivação é obscura para o entrevistado, ou é solidamente mascarada por

um sistema de racionalização. Para falar a verdade, dificilmente se pode entrar nesta zona. Interrogado sobre o porquê de suas opiniões, o entrevistado fornece apenas os sistemas de racionalização que ele secreta em resposta à investigação.

De forma extremamente diversa, segundo a situação social, histórica, a determinação psicológica, o clima e o caráter da entrevista, os entrevistados podem reagir à entrevista de modo singular. Sendo assim, podem reagir pela inibição, que se traduz por um bloqueio puro e simples, ou por uma fuga (resposta lateral). Além disso, a reação pode ser pela timidez ou a prudência, que conduzem a resposta de polidez, procurando-se responder de forma supostamente agradável ao investigador; o que se traduz pela tendência a responder antes sim do que não, pela tendência (prudência) a optar pela cifra do meio quando é proposta a escolha de uma percentagem. Destaca-se ainda a reação por mecanismos de atenção e desatenção (em respostas preformuladas, tendência a escolher o ponto de vista do início ou do fim) bem como pelas múltiplas tendências a racionalizar seu ponto de vista, quer dizer, a lhe dar uma justificação e uma legitimação aparentes, que mascaram sua verdadeira natureza. As racionalizações, pois, são sinceras. É interessante também ressaltar que a reação do sujeito pode se dar pelo exibicionismo, que induz muito sinceramente (evidentemente, é o termo sinceridade que deve ser repensado) as pessoas a fabulações e comédias. E, bem entendido, pelas tendências fundamentais a defender sua pessoa e a compor os personagens em face do outro.

Já o principal fator que pode perturbar o entrevistado é a forma como ele é visto pelo entrevistador. Entre eles, deve haver uma distância e ao mesmo tempo uma proximidade, e uma identificação do entrevistado para com seu entrevistador, este deve transmitir uma imagem simpática e tranquilizadora. Mas do que parecer simpático ele deve provar isso – além de ter controle sobre suas reações diante do entrevistado.

Mas para que esta relação seja operativa, é preciso que o pesquisador tenha, primeiro, um forte controle autocrítico sobre si mesmo; já se constatou que sua opinião, suas previsões, influíam inconscientemente nas respostas à entrevista; sua

atitude no curso da mesma, suas reações, mesmo pouco perceptíveis, têm certa influência; é preciso também que o pesquisador tenha um interesse profundo pela comunicação, pelo outro. (MORIN, 1966, p. 122)

Morin coloca (1966, p.124), também, que a entrevista provoca por si mesma um sistema de defesa, porque é uma intrusão traumática ou agressiva ao entrevistado, mas cabe, aqui, como uma necessidade de expressão. Sobre esta característica traumática, Mark Twain¹ afirma no ensaio “Sobre a entrevista ou as boas intenções de um ciclone” que a entrevista não foi uma invenção feliz:

Talvez seja a maneira mais precária de alcançar o âmago de um homem. Em primeiro lugar, o entrevistador não tem nada de estimulante, pois inspira temor. Você sabe pela experiência que não tem escolha diante do desastre. Não importa o que ele ponha na entrevista, você logo vê que teria sido melhor se tivesse posto outra coisa: não que aquilo fosse melhor do que isto, apenas não seria isto; e toda mudança deve ser, e seria, para melhor, ainda que, na realidade, você saiba muito bem que não é assim.

Ao falar da entrevista nos veículos de massa, Morin (1966) a define como um modo de informação que surgiu na imprensa. Ele traça um histórico da passagem da técnica do jornal para o rádio, do rádio para a televisão, da televisão para o cinema.

Morin (1966, p. 125) afirma que a entrevista tem por base uma fonte individual procurando a comunicação pessoal, ao invés de ser apenas uma declaração oficial marcada por um discurso unilateral. Ele aponta que o destino da técnica está ligado ao desenvolvimento da cultura de massa com o objetivo de “facilitar o contato com o público e interessá-lo, o *human touch*, e mais amplamente a individualização dos problemas” (MORIN, 1966, p. 126).

Em relação às fontes, haverá abrangência de público, tanto os famosos quanto os anônimos. Serão alvo de entrevistas as sobre-individualidades, como as personalidades políticas, os atletas, as estrelas, as vedetes que além de sua vida pública serão questionadas

¹ Mark Twain era o pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), escritor americano. Trabalhou como gráfico, ourives e marinheiro antes de editar um jornal em Nevada. Depois de viajar pela Europa e Palestina, ele publicou um divertido relato de viagem, *Innocents Abroad*, em 1869. Seguiram-se dois romances clássicos: *As aventuras de Tom Sawyer*, de 1876, e *Huckleberry Finn*, de 1884.

sobre todo e qualquer assunto. A grande tendência, na última década, seria levantar os problemas da vida privada (MORIN, 1966). Hoje, esta prática é comumente comprovada nas matérias sobre celebridades, em que é observada a invasão de privacidade.

Mas a entrevista, com uma tendência *brechtiana* (que tende a provocar no espectador-ouvinte um distanciamento com relação a sua vida cotidiana) vai procurar também o homem da rua, o transeunte anônimo, encontrado por acaso, e a quem se formulará uma pergunta à queima-roupa. Na televisão, este tipo de entrevista é conhecido no jargão jornalístico como “o povo fala”.

Outra possibilidade de entrevista (MORIN,1966) é a coletiva, com um modelo dialético da formação da verdade pelo afrontamento das opiniões contrárias, um grande diálogo coletivo.

A entrevista dos veículos de massa é uma arte que não conhece nenhuma regra. Entretanto, conhece seus artistas buscando uma pseudo-representatividade em fontes como homem da rua, através de amostras de idades, profissões e opiniões. Ressalta-se também pressões políticas ou econômicas que limitam o campo e liberdade da entrevista, e outras restrições no campo da palavra (limitações que variam segundo os países e os problemas).

Levando em consideração seu grau de comunicabilidade e não uma exaustiva tipologia, há quatro tipos de entrevista (1966, p.128): a entrevista-rito, a entrevista anedótica, a entrevista diálogo e as neoconfissões.

1) A entrevista-rito. Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciada *hic et nunc* (aqui e agora). O exemplo perfeito é o “Estou muito contente por ter ganho”, do campeão esportivo.

A entrevista-rito marca acontecimentos, cerimônias, encontros oficiais. Seu objetivo verdadeiro é o de fazer ouvir a voz, de conferir autenticidade ao acontecimento pela

voz-imagem (televisão, noticiário cinematográfico), de revelar e comunicar a presença subjetiva. As próprias palavras da entrevista-rito são rituais. Elas completam a cerimônia.

Mas pode acontecer que o rito seja subvertido por alguma coisa inesperada, e que é a irrupção das forças selvagens da vida: um olhar, uma palavra, um grito traem o sentimento sob a pose. Há toda uma arte da entrevista, que tenta captar a vida sob o rito – ou quebrar o rito.

2) A entrevista anedótica. Muitas, a maior parte sem dúvida, das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, onde o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as alterações e os projetos, onde entrevistador e entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos.

3) A entrevista-diálogo. Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. O diálogo começa a aparecer no rádio, na televisão. Foi necessário tempo para que a palavra humana se descongelasse diante do micro e da câmara.

4) As neoconfissões. O entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior. Alcança-se aqui a entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si sua ambivalência: toda confissão pode ser considerada como um *striptease* da alma feita para atrair a libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também toda confissão vai muito mais longe, muito mais profundamente que todas as relações humanas superficiais e pobres da vida cotidiana e mesmo no cinema, onde ela constitui finalmente a alma do cinema verdade.

Edgar Morin (1966, p. 131) define, também, o papel do “entrevistador completo” como “sendo um polivalente apto a ser ao mesmo tempo provocador e ouvinte”. Já o entrevistado é um ser humano a conhecer, não na qualidade de um representante de tal profissão, classe ou idade, mas por ter vivido uma experiência particularmente intensa (uma fuga de um campo de concentração, por exemplo). Outro tipo de entrevistado pode ser uma mãe de família a quem se interroga sobre a felicidade.

Outro fenômeno apontado pelo estudioso é o da microcâmara. Em determinada proporção, as entrevistas gravadas têm a força inibitória do micro igual a sua força exibitória. Mais uma vez, observa-se a tendência do entrevistado de se defender da entrevista já que agora as palavras são gravadas e não mais voláteis. Por outro lado, o efeito microcâmara aumenta a tendência das pessoas quererem se expressar, de lançarem sua mensagem ao mundo.

A televisão e o cinema trazem, além do micro, a câmera que permite ao mundo (aos espectadores), ao mesmo tempo, ouvir nossa conversação e ver nossa imagem.

O micro e a câmara de rádio, televisão ou de cinema já trazem em si o público. A grande originalidade da entrevista dos veículos de massa é que a energia afetiva que ela libera não se resolve na conversação, mas passa para o público, e atinge cada ouvinte ou espectador (MORIN, 1966, p.127).

Morin (1966) acredita que, em nossa sociedade, a comunicação da entrevista profunda é desvitalizada no campo estético, ou repelida como mentira. Para concluir, em outras palavras, sua crítica consiste na afirmação de que é raramente a comunicação da entrevista profunda conduz a uma compreensão nova.

2.1.2 *Os princípios e métodos (A. Garrett)*

No livro “A entrevista, seus princípios e métodos”, A. Garrett (1974) aponta para as características da entrevista, principalmente aquela realizada pelos assistentes sociais. Ela ressalta que os seres humanos são individualizados, portanto não podem ser reduzidos a uma fórmula ou padrão comum. Por isso, os profissionais que utilizam a entrevista como técnica no trabalho e lidam com pessoas devem atentar para pontos relevantes como a fala e o comportamento do “cliente”.

Às vezes, a entrevista deixa de ter aquele vivo interesse humano que a deve caracterizar, tornando-se assim monótona, mecânica e relativamente sem valor. Isso se deve, não ao conhecimento do rico intercâmbio entre o pensamento de uma pessoa e outra, mas à ignorância, que nos leva a considerar a entrevista como rotina de perguntas preestabelecidas e obtenção de respostas para serem registradas. Neste caso, um aparelho de gravação substituiria com vantagem o entrevistador. Porém, com uma compreensão adequada da complexidade da pessoa humana e da efetiva inter-relação que se estabelece entre dois seres de si tão complexos, hão de crescer, de maneira progressiva, nossa atenção e vivo interesse (GARRETT, 1973, p.17).

Garret (1973) afirma que a técnica pode ser desenvolvida e aperfeiçoada pela prática, mas que deve ser acompanhada pelo estudo e conhecimento do que seja entrevistar e pela consciência dessa prática pelo profissional. Outro ponto essencial é a afinidade entre entrevistador e entrevistado, o que permite revelar fatos da “situação” que poderão auxiliá-lo.

A estudiosa abre uma questão interessante sobre as emoções de ambos os envolvidos, sejam elas conscientes ou não. O entrevistador deve controlar suas reações e impulsos a fim de não influenciar esta interação.

O reconhecimento de que muitas das motivações do comportamento humano são inconscientes permitirá ao entrevistador ser mais tolerante, o qual não acusará facilmente e assim se tornará mais apto a auxiliar o assistido de maneira mais eficiente. Em lugar de se tornar impaciente com racionalizações, verá que os motivos, que o cliente esconde, até de si próprio, são, provavelmente, fontes de profunda e dolorosa ansiedade (GARRETT, 1973, p. 25).

Sobre a natureza humana, Garrett (1973) fala sobre o pensamento rejeitado que muitas vezes retorna. Ela exemplifica essa ideia com a nossa vontade de conservar a linha de

estética, mas também querer comer bolos e doces. Seja qual for o nosso desejo final, aquele que perdeu, provavelmente, se rebelará uma vez ou outra.

Segundo ela, este “mecanismo” é tecnicamente conhecido como ambivalência essencial para aqueles que querem tratar pessoas com êxito:

Casos de ambivalência aparecem continuamente nas entrevistas. São manifestados, por exemplo, pelos assistidos que evidentemente querem auxílio, mas que são incapazes de solicitá-lo. Pedem conselhos, mas deles não se utilizam; concordam com certos planos, mas não os levam avante; dizem uma coisa, mas sua atitude revela exatamente o contrário (GARRETT, 1973, p.34).

No processo de entrevista, a autora identifica a “transferência”, definida como um forte sentimento emocional em relação ao psicanalista, uma dependência que pode ser usada para a terapêutica.

A seguir, Garrett (1973) aborda as atitudes do entrevistador falando sobre as motivações inconscientes e conscientes, as ambivalências, preconceitos, as razões objetivas e subjetivas de seu comportamento como influências no ato de entrevistar. Uma tendência natural é imputar aos outros seus próprios sentimentos, acabando por interferir na compreensão do problema do cliente. Garrett (1973, p. 44) mostra um caminho para que essas interferências não prejudiquem o trabalho: “O objetivo é conseguir-se antes o controle do que a ausência de sentimentos da parte do assistente social”.

No capítulo 5, a autora descreve a importância de observar mais do que a fala, levando em consideração as expressões faciais e a linguagem do corpo (tensões do corpo, enrubescimento, excitabilidade, melancolia), apontando que estes fatos algumas vezes substituem o quadro esboçado pelas palavras. Ou seja, deve-se ter atenção ao que não é dito, mas observado.

Ainda que a mais apurada arte de entrevista dê a aparência de ser um intercâmbio leve e espontâneo entre quem entrevista e quem é entrevistado, a técnica revela que isso somente pode ser obtido através de um estudo cuidadoso e de anos de prática (GARRETT, 1973, p. 61).

Uma forma razoável de tentar compreender o entrevistado é entender a situação apresentada sob o ponto de referência dele (considerado por quem fala como o ponto certo). Por isso, saber ouvir é essencial. “Esta arte é uma das operações fundamentais da entrevista; equivale, pois, a dizer que um bom entrevistador é um bom ouvinte”.

A maior parte das pessoas tende a fazer ou muitas ou muito poucas perguntas. Cada entrevistador deveria estudar sua própria tendência e procurar controlá-la. Perguntas em demasia atrapalham e inibem o assistido, enquanto a falta de perguntas torna muito pesada a entrevista e pode trazer o inconveniente de não se ventilarem assuntos importantes (GARRETT, 1973, p.76).

Para a estudiosa, o bom ouvinte não interrompe frequentemente o entrevistado nem tem uma atitude inteiramente passiva. É um equilíbrio entre saber ouvir e fazer interferências que demonstrem interesse pelo que está sendo dito.

2.1.3 A visão jornalística (Nilson Lage)

Para esta parte do projeto, vamos rever o que Nilson Lage classifica como fonte, relação entrevistado e entrevistador, e os diferentes tipos de entrevista categorizados pelo autor.

Primeiramente, uma matéria jornalística necessita de fontes, que são informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de evento de interesse público. Segundo Nilson Lage (2003, p. 49), “É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas”. Lage classifica as fontes sob três aspectos: histórico, os fundamentos teóricos e a natureza das fontes.

No aspecto da história, as fontes não eram treinadas para desempenhar esse papel. Era comum que fossem ouvidos funcionários públicos em geral, políticos, diretores de empresas, gerentes e viajantes (até meados do século XX, repórteres aguardavam nos portos,

aeroportos e estações ferroviárias para entrevistar passageiros vindos da Europa ou América do Norte ou outras regiões de interesse).

O divisor de águas na apuração do jornalismo aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, com a difusão das assessorias de imprensa. O trabalho, agora, era realizado por intermediação profissional. A mudança foi recebida com desconfiança: dizia-se que a existência de assessorias limitava o movimento dos jornalistas e os submetia a uma espécie de censura de informação na fonte.

Mas no Brasil, a criação das assessorias teve vertente moralizadora: a informação pública passou a ser considerada como tema sério, que não pode ser mera expansão da publicidade comercial. A escolha destes profissionais também foi realizada de forma mais ética. Antes, os repórteres eram selecionados dentro das repartições e empresas de serviços públicos a quem estes profissionais mantinham contato e forneciam informações. “Setorizados nessas instituições os jornalistas terminavam cooptados, quer pela exclusividade do acesso, quer por favores e privilégios que, de forma mais ou menos explícita, complementavam seus salários”, (LAGE, 2003, p.50).

Sob o aspecto dos fundamentos teóricos, o autor cita o modelo de Sharon e Weaver (1949) considerado o primeiro e mais simples modelo de Comunicação. Os estudiosos atribuíram ao emissor a autoria da mensagem que transita por um canal em um código até o receptor. “Entre o fato e a versão jornalística que se divulga, há todo um processo de percepção e interpretação que é a essência da atividade dos jornalistas”. Lage (2003, p.53) nos adverte sobre a diferença entre o conteúdo produzido pelos jornalistas e um quadro de Van Gogh, para ele o quadro expressa o mundo íntimo do pintor e a matéria está sujeita a muitas variáveis e interferências.

Ainda de acordo com livro de Lage, em 1956, George Gerbner cria um outro modelo de Comunicação que estabelece a prioridade de representar subjetivamente a

realidade antes de transmiti-la. O trabalho desenvolvido por vários profissionais (proposições linguísticas, fotografias ou imagens editadas em movimento, não é tarefa de um só homem) começa na fonte, que formula a primeira representação da realidade que será levada adiante. Para Gerbner cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória.

Já a Teoria dos Modelos, de Philip Johnson-Laird (1983), aborda a questão de que perceber a realidade é construir um modelo mental dela. Modelos mentais são análogos estruturais do mundo: dão conta de relações estáticas e dinâmicas entre objetos, ações e estados; descartam aspectos não-relevantes da realidade para captar os relevantes. Tomados como hipóteses mais ou menos confiáveis, refletem crenças da pessoa, adquiridas por observação, informação ou inferência.

No âmbito da Teoria da Cognição, citado em Lage (2003), modelos mentais são concebidos como entidades computáveis e finitas, construídas a partir de elementos (ou *tokens*) que representam objetos e de relações. Esse é o objeto essencial ou básico a que se reportam as mensagens da fonte ao repórter.

Já quanto às dificuldades para realização da entrevista, Lage aponta as seguintes questões: por que alguém presta informações a um estranho se nada se ganha com isso? E mesmo que se presta a responder, o que garante que a pessoa não inventará qualquer resposta?

A primeira pergunta é respondida pelos cientistas sociais da corrente funcionalista (principalmente Lazarsfeld, Merton, Kennedy) que, nas décadas de 1930,1940 e 1950, estudaram a comunicação humana: os homens consideram crucial ser aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas; trata-se de algo, supõem esses cientistas, que se molda desde a primeira infância, ao longo do processo de socialização.

São leis e códigos não-escritos, cuja violação implica sanções consensuais que existem em qualquer cultura. Incluem formas de tratamento, reciprocidade na troca de informações, ostentação de sinceridade e argumentação em defesa dos próprios interesses. Variam menos do que se pensa de uma cultura para outra (LAGE, 2003, p. 55).

Quanto à segunda questão, a melhor resposta é de Paulo Grice que, trinta anos mais tarde, fixou em uma série de máximas (as máximas de Grice) o procedimento-padrão de pessoas envolvidas numa conversa em boa fé. (*bona fide*)

Máximas da quantidade

Faça sua contribuição tão informativa quanto necessária (para os propósitos reais da troca de informações);
Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário.

Máximas da qualidade

Tente fazer sua contribuição verdadeira.
Não diga o que acredita ser falso;
Não diga algo de que você não tem adequada evidência.

Máxima da relação

Seja relevante.

Máximas da maneira

Seja claro.
Evite a obscuridade;
Evite expressões vagas e ambíguas;
Seja breve (evite a prolixidade);
Seja ordenado.

Bown e Levinson acrescentaram três outras normas, menos genéricas:

Polidez

Seja educado.

Propriedade

Não seja inconveniente.

Implicação

Se algo não pode ser dito explicitamente, não se exponha: use uma forma implícita. (LAGE, 2003, p. 56).

O que Grice afirma é que a entrevista depende do que um dos participantes imagina sobre as intenções do outro envolvido. Se ambos se admitem em boa fé, procurarão atender às máximas e esperam que esta postura seja recíproca. Nenhum deles será (nem esperará que o outro seja):

- a) lacônico, nem contará mais do que lhe for perguntado (Máxima da quantidade);
- b) deliberadamente falso, ou afirmará meras suspeitas (Máxima da qualidade);

- c) excessivamente minucioso (Máxima da relevância);
- d) vago, ambíguo ou construirá de maneira desordenada seu discurso (Máxima da clareza).

O resultado de uma consulta à fonte depende da intenção que essa fonte atribui ao repórter. Nilson Lage (2003, p.57) afirma que o repórter quando tido como uma ameaça (posição frequente entre os ricos e os que têm algo a esconder) ou caso veja uma oportunidade de defender seus direitos (o que é provável entre pessoas pobres) será parcimoniosa nas respostas, enfatizando reivindicações e reclamações. Agora se teme que o repórter não compreenda algo (o que ocorre, em regra, com cientistas e pesquisadores de ciências exatas), procurará ser minucioso e redundante na explicação.

Em todos esses casos, é provável que perceba que está violando regras tácitas de conversação - e até o evidencie com frases intercaladas, tais como “não querendo me alongar”, “acho importante dizer que”, “não sei se isso interessa, mas”, “para ser mais exato”. É o que se chama de metalinguagem – indício precioso quando se trata de avaliar intenções e constrangimentos (LAGE, 2003, p.57).

A manobra inicial do trabalho de apuração são as definições de intenções do repórter. De acordo com o que estabelece Lage (2003, p 61), o jornalista deve cuidar de qualificar-se como interlocutor válido, não subordinado nem inquisidor – um ouvinte, uma testemunha, um profissional da informação. Ele deve demonstrar amplo conhecimento, ou seja, tem que se mostrar à altura de conseguir apurar, sendo alguém com quem o entrevistado sinta que será ouvido e compreendido.

Cabe ao profissional definir sua posição como tal, cumprindo a função fática, estabelecendo regras e o contexto da troca de informações, regulando finamente o código a ser empregado e estipulando relações de poder que prevalecerão na etapa referencial (propriamente na abordagem do assunto). Depois deste contato inicial, a melhor postura é manter uma aparência neutra e convencional, o que inclui certa adaptação ao ambiente.

Não estar mentindo em uma entrevista não significa que se esteja dizendo a verdade; apenas que se acredita estar dizendo a verdade. Vendedores, pregadores e militantes políticos são treinados para estar convencidos daquilo que dizem e, portanto, para se mostrarem convincentes.

Dentre as máximas de Grice, a que tem gerado estudos e revisões mais profundas é a que se refere à relevância. Em uma definição formal, dada por Dan Sperber e Dierdre Wilson, relevante é aquilo que, combinado com informações da memória e do contexto, permite a produção de informação nova.

Lage afirma (2003, p. 67) que a falta de informações básicas acessíveis na memória que são capazes de relacionar-se com alguma notícia nos impede de modelá-la e, portanto, de lhe atribuir alguma relevância. A mente humana trabalha com uma lógica peculiar: ela procura o melhor resultado com o menor esforço; uma informação que não se relaciona com algo que temos conhecimento, tem custo de memorização muito elevado e tende a ser, portanto, ignorada.

O autor aponta para a divergência do que é considerado como relevante para ambos os envolvidos na entrevista. Essa diferença em pontos de vista faz com que o repórter e fonte desenvolvam estratégias discordantes, ou seja, cada qual levando a conversa para o ponto que considera mais importante.

Nesta dinâmica, o repórter deve ter a noção de educação, ser polido e não fazer intervenções inconvenientes, isto varia com a natureza da cultura e as relações sociais vigentes. O mesmo serve para a fala por implicações como dar indiretas, sugerir ou indicar sem ser explícito.

Nilson Lage (2003, p. 62) classifica as fontes quanto a sua natureza. Elas podem ser mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais sendo classificadas da seguinte forma:

a) Oficiais, oficiosas e independentes

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações, etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso.

Das três, as fontes oficiais são tidas como as mais confiáveis e é comum não serem mencionadas: os dados que propõem são tomados por verdadeiros. Assim, acontece de citarmos a população de uma cidade brasileira sem mencionar que ela foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou divulgarmos o Produto Interno Bruto (PIB) sem nos referirmos à repartição que o calculou.

Trata-se de um mau hábito, que se deve mais ao tradicional antagonismo com o mundo oficial (“não se deve promover essa gente”) do que a qualquer questão de credibilidade. Devem-se citar, sempre que possível, as fontes, sobretudo de dados numéricos, e questionar informantes sobre a origem dos números que citam.

Fontes oficiais, como comprovam autores de todas as épocas, falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder.

Mentem menos se os funcionários são mais estáveis e, portanto, conseguem sustentar sua integridade como estatísticos ou analistas. Mentem menos em sistemas

totalitários do que democráticos. Mentem muito, provaram Chomsky e Herman, nos Estados Unidos, quando estão em jogo os interesses imperiais do país.

Comumente – e isso não é considerado aético -, sonegam informações de que efetivamente dispõem (os segredos de Estado, os dados confidenciais ou reservados, constituem uma categoria que costuma expandir-se além do justificável), destacam aspectos da realidade que convêm às instituições (preferindo, por exemplo, números relativos a absolutos, ou o contrário), alegam dificuldades inexistentes para desestimular quem procura informar-se. Funcionários mentem também pelo desleixo e preguiça, por vaidade (para fingir que são bem informados) e para se livrar do repórter chato.

Fontes oficiosas, expressando geralmente interesses particulares dentro de uma instituição, podem ser preciosas porque evidenciam algumas dessas manobras. No entanto, protegidas em regra pelo anonimato – o que dizem deve ser publicado *off the Record*, isto é, sem menção da origem da informação-, são o veículo predileto para os balões de ensaio, anúncios feitos com o objetivo de medir reações e que, portanto, provavelmente não se confirmarão. Eventualmente, prestam-se também a vincular boatos, objetivando algum fim escuso: denegrir a imagem de uma pessoa, provocar o aborto de uma política em gestação, interferir numa decisão eleitoral etc.

O jornalismo americano vulgarizou a expressão fontes independentes, aplicando-a, comumente, quando a fonte (que não quer ser mencionada) são organizações chamadas no Brasil de não-governamentais (ONGs) e, nos Estados Unidos, de sem fins lucrativos. Na verdade, essas entidades nem são inteiramente não-governamentais (quem as financia são fundações e institutos que repassam recursos não apenas de grandes grupos econômicos mas também de governos, os quais influem no destino das verbas) como constituem-se, via de regra, de quadros assalariados (quer como remuneração direta, quer como bolsas ou subsídios), o que as torna, afinal, lucrativas para quem as representa.

Funcionários de organizações não-governamentais são militantes treinados para ostentar fé cega naquilo que defendem – seja a preservação das baleias, seja a condenação do sexo entre adolescentes. Tal disposição coloca sob suspeição os dados que fornecem, já que a nobreza do fim pode justificar, na representação de realidade deles, a falsidade dos dados. O êxito de sua retórica depende fundamentalmente de serem considerados “agentes espontâneos” e “desvinculados de qualquer interesse”. Conhecedores dos mecanismos de produção do jornalismo – particularmente de televisão – oferecem, para vender suas ideias, matérias completas e atraentes, recheadas de informações espetaculares, produzidas com esmero e beleza plástica.

b) Primárias e secundárias:

Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.

Suponhamos que se quer escrever uma reportagem sobre um assunto específico – por exemplo, o plantio de cafezais nos terrenos montanhosos de uma região, com inclinação superior a 35 graus. As fontes primárias serão, naturalmente, os plantadores e seus agrônomos de campo. Mas, antes de partir para a apuração, será conveniente consultar fontes secundárias, que podem ser funcionários de instituições de pesquisa agropecuária e apoio à agricultura, ou, eventualmente, economistas e geógrafos. Esse cuidado nos permitirá fazer perguntas mais adequadas a aprofundar o questionamento de respostas não convincentes. Em itens controversos ou que apresentam vários ângulos de abordagem, será bom partir de uma conversa com mais de uma fonte secundária, representando diferentes enfoques da matéria.

Numa segunda hipótese, imaginemos que se vai escrever sobre a descoberta acidental de peças antigas – moedas, cerâmica – numa escavação urbana. As fontes primárias são os descobridores, mas o valor da descoberta será mais bem aferido se o depoimento deles

for confrontado com a opinião de historiadores ou com documentos do arquivo municipal – ambos atuando como fontes secundárias.

b) Testemunhas e *experts*

O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva: pode-se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha, assistindo a um pedaço de uma (dificilmente se terá acesso ao todo) ou vendo várias; do lado do vencedor ou do vencido; identificando-se com as vítimas ou com os agressores. Haverá diferenças cruciais entre o relato de conflitos na Palestina feito por um judeu ortodoxo e por um militante muçulmano, por mais honestos que ambos sejam.

De modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência, o que perde em exatidão factual. Advogados costumam atuar nessa fase: buscando a versão que mais convém a seus clientes, induzem-nos a omitir certos aspectos da realidade e a ressaltar ou imaginar outros.

Um bom princípio – comprovam os estudos de probabilidade – é só confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si. Toma-se como verdade, aí, o que é o mínimo comum aos três relatos, separando o que é fato do que é versão ou interpretação. O testemunho singular (o que um viu e outro não) deve ter a fonte citada.

Experts são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos. Um cuidado preliminar é o de formular, pelo menos no início, perguntas pertinentes – nada incomoda mais um especialista do que questões disparatadas. No entanto, é preciso não abandonar um tema sem que se tenha entendido a explicação; afinal, é difícil escrever sobre algo de que não se tem um modelo mental consistente. Alguns *experts*

têm treinamento em didatizar assuntos. É o caso de professores universitários que trabalham com turmas iniciais de graduação, ou de médicos clínicos, acostumados a lidar com pacientes com diferentes formações. No entanto, costumam costurar os fatos em suas próprias convicções, transformando a informação sobre a morte de um personagem em um discurso contra o fumo ou a pergunta sobre fibras óticas numa apaixonada defesa do ensino de ciências no segundo grau.

De toda sorte, é conveniente ouvir mais de um especialista e variar os especialistas que se ouvem – evitando, por exemplo, que a interpretação de matérias sobre direito tributário seja sempre a de um assessor de grandes empresas, do governo ou de um grupo de sindicatos. Um dos truques dos assessores de imprensa para influir na linha editorial dos jornais é indicar *experts*, sempre simpáticos e disponíveis, que darão a quaisquer fatos a interpretação conveniente à instituição assessorada.

O autor dedica o capítulo 4 à relação entrevistador e entrevistado, para categorizar os tipos entrevista e defini-la como o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. “Uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2003, p.74).

A palavra “entrevista” é ambígua. Ela significa:

- a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo;
- b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público;
- c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b).

Os procedimentos de apuração foram discutidos no capítulo que tratou de fontes. Restam, portanto, os itens (b) e (c).

Do ponto de vista dos objetivos, as entrevistas podem ser:

- a) ritual – é geralmente breve. O ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer. Entrevistas de jogadores ou técnicos após a vitória ou derrota, ou de visitantes ilustres, logo após sua chegada, costumam ter essa característica. As declarações ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda, mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica. O mundo oficial é rico em situações rituais: interessam, aí, o ambiente, o clima, a encenação (cumprimentos, cerimonial, trajes e atitudes), cuidadosamente programados para compor o “documento histórico”. Buscam-se desvios e falhas de protocolo, nuances na fala diplomática (nesse gênero de discurso, palavras como cordial e amistoso podem ter sentidos muito diferentes). Mas, em geral, frustra-se o esforço para encontrar algo importante no que é declarado.
- b) Temática – aborda um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer. Geralmente consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos. Pode servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado) etc.
- c) Testemunhal – trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado, que usualmente, acrescenta suas próprias interpretações. Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas.
- d) Em profundidade – o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma

novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões.

Quanto às circunstâncias de realização, as entrevistas variam bastante:

- a) ocasional – não é programada – ou, pelo menos, não combinada previamente. O entrevistado é questionado sobre algum assunto e o resultado pode ser interessante porque, sem se ter preparado e preso ao compromisso de veracidade e relevância de qualquer conversa (as máximas de Grice), dará provavelmente respostas mais sinceras ou menos cautelosas do que se houvesse aviso prévio. No entanto, pessoas acostumadas à abordagem para entrevistas desse tipo – como políticos, por exemplo, aproveitam eventualmente a oportunidade para formular declarações maliciosas, muito bem planejadas e que poderão desmentir ou corrigir posteriormente, alegando que foram pegos de surpresa ou mal interpretados.
- b) Confronto – é a entrevista em que o repórter assume o papel de inquisidor, despejando sobre o entrevistado acusações e contra-argumentando, eventualmente com veemência, com base em algum dossiê ou conjunto acusatório. O repórter atua, então, como promotor em um julgamento informal. A tática é comum em jornalismo panfletário, quando se pretende “ouvir o outro lado” sem lhe dar, na verdade, condições razoáveis de expor seus pontos de vista. Dependendo da habilidade retórica do entrevistado e da competência acusatória do repórter, a entrevista pode transformar-se em um espetáculo de constrangimento ou, pelo contrário, em uma peça de redenção; em suma, o repórter ou o entrevistado, o que é mais raro, pode ganhar. Esse efeito será inevitavelmente notado se o receptor da informação tem acesso direto à entrevista – isto é, no rádio ou na televisão ao vivo.
- c) Coletiva – o entrevistado é, aí, submetido a perguntas de vários repórteres, que representam diferentes veículos, em ambiente de maior ou menor formalidade.

Entrevistas coletivas são comuns quando há interesse geral por algum (ou alguns) personagem (ns) que acaba (m) de participar ou de assistir a um evento interessante. São também programadas como parte da promoção de espetáculos, eventos culturais ou vendas de produtos que embutem alguma criação ou tecnologia. Altas autoridades, situadas em um centro de decisões, costumam dar entrevistas coletivas principalmente – diárias, semanais – para fazer um *briefing* (resumo) de sua atividade. Por menos formal que seja o ambiente, a entrevista coletiva tem como principal limitação o bloqueio do diálogo, isto é, da pergunta construída sobre a resposta: há preocupação de distribuir por todos a possibilidade de questionamento e a intervenção de cada repórter resume-se, em geral, a uma, duas ou mais perguntas preparadas previamente. O comando, com frequência, fica com o entrevistado ou alguém vinculado a ele, e esta é uma das razões da simpatia que as assessorias de imprensa têm por esse gênero de contato com jornalistas.

- d) Dialogal – é a entrevista por excelência. Marcada com antecipação reúne entrevistado e entrevistador em ambiente controlado, sentados, em geral, e, de preferência, sem a interveniência de um aparato (como uma mesa de escritório) capaz de estabelecer hierarquia (quem se senta diante das gavetas da mesa assume, de certa forma, posição de mando). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.

A entrevista individual é chamada propriamente de exclusiva quando o entrevistado a concede ao veículo, e não a qualquer outro; impropriamente, quando a iniciativa parte do veículo, não havendo outro interessado ou que tenha tido a mesma ideia. A expressão “entrevista exclusiva” tem o valor de *marketing* embora toda entrevista individual seja exclusiva (difícilmente alguém repete exatamente as mesmas formulações em duas

conversas diferentes), valoriza o eventual esforço de reportagem e o conteúdo inédito das declarações obtidas.

2.1.4 *Semelhanças e diferenças*

Como resultado desta pesquisa teórica, podemos destacar pontos semelhantes e divergentes entre os autores. Edgar Morin e Garrett apontam para as características psicológicas da interação entrevistador e entrevistado. Em ambos, a questão é o equilíbrio entre a demonstração de envolvimento ou não entre esses os dois personagens na técnica.

Já que, para Morin (1966, p. 116), a entrevista é um fenômeno psico-afetivo constituído pela própria comunicação. Garrett (1974, p. 17) leva em consideração que o ser humano é individualizado e devemos atentar para elementos além da fala como o comportamento, as expressões faciais e linguagens corporais.

Ambos destacam o aspecto terapêutico da entrevista utilizada na psicopatologia devido ao seu efeito de cura. Garrett fala sobre a "transferência" definida como um forte sentimento emocional em relação ao analista, uma dependência que pode ser usada para a terapêutica.

Segundo Morin (1966, p. 121), o principal fator que pode perturbar o entrevistado é a forma como ele é visto pelo entrevistador. A dificuldade consiste em mostrar proximidade e distância nesta relação, o que deve gerar uma imagem simpática e tranquilizadora. Por isso, Garrett (1974, p.44) alerta para o posicionamento "neutro" do entrevistador, que deve controlar suas emoções e ações inconscientes para não prejudicar o processo. Ela dá algumas dicas: não falar demais, não perguntar muito mas também não manter uma atitude apática o que pode parecer falta de interesse pela fala do entrevistado.

Já o jornalista Nilson Lage segue uma linha mais racional, mais sociológica na classificação da entrevista. Ele traça o histórico das fontes e de como surgiram as assessorias de imprensa (2003, p 51). E a discriminação destes profissionais que não eram considerados jornalistas. Para o motivo de se conceder entrevistas justifica que o interesse é a sociabilidade, que os homens consideram crucial serem aceitos e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas.

A racionalidade fica evidente ao citar os modelos teóricos de Sharon e Weaver (1949), George Gerbner (1956), Teoria dos Modelos, de Philip Johnson-Laird (1983) e na descrição das máximas de Grice que categorizam o procedimento padrão das pessoas em relação à boa fé de suas declarações. Bown e Levinson resumem as máximas em formas ainda mais sucintas como se o pensamento humano pudesse ser resumido em tópicos.

Uma particularidade contrária a Morin e Garrett, apontada por Lage (2003, p. 61), é a visão que a fonte tem do repórter e não o oposto. A intenção pode ser uma ameaça ou uma oportunidade da fonte defender seus direitos.

Lage acredita que é possível definir regras e o contexto da troca de informações na entrevista. Mas concorda com os outros dois autores sobre a melhor postura que é “manter uma aparência neutra e convencional, o que inclui certa adaptação ao ambiente”.

No capítulo 4, o Lage define a entrevista como o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo, já que a consulta às fontes é uma coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. O jornalista não está presente quando os fatos ocorrem, por isso, é essencial consultar quem participa dos acontecimentos.

Podemos entender que a visão de Lage aborda aspectos jornalísticos da entrevista e, por este motivo, ele a descreve de três formas: qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; uma conversa de duração variável com personagem notável ou

portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; a matéria publicada com as informações colhidas no segundo item.

2.2 Conceitos da psicanálise

Uma abordagem psicológica e, mesmo psicanalítica, poderá nos trazer contribuições interessantes para melhor compreendermos a dinâmica da entrevista, já que estamos falando da interação entre pessoas. O intercâmbio de conhecimento entre Comunicação e Psicanálise será rentável teoricamente se considerarmos a hipótese de uma “teoria plena da comunicação”, que, segundo (SILVEIRA Jr., 1999), teria um sentido de mão dupla: a psicanálise é uma teoria plena da comunicação, e uma teoria plena da comunicação é uma teoria psicanalítica.

Vamos nos basear na Psicanálise definida nos anos 1980 como modo de pensar segundo uma nova mentalidade: a mente inaugurada por Freud no início do século XX. Veremos nos tópicos a seguir como surgiu o conceito freudiano de pulsão, e depois sua retomada por MD Magno (2008) na Psicanálise chamada de NovaMente. Mais adiante, veremos também porque o conceito de Revirão poderá nos dar condições de entendimento do que ocorre no desenrolar da entrevista que analisaremos.

2.2.1 A pulsão

Apesar de a Psicanálise ser mais conhecida como uma técnica com potencial terapêutico desenvolvido em consultórios e voltada para pacientes, Freud (1856-1939) buscou, também, – e principalmente – entender a operação dos acontecimentos mentais, cosmológicos, políticos sociais além de neuroses individuais, fazendo incursões por questões

empíricas e culturais.

Em 1921, realiza sua primeira pesquisa mais conhecida sobre a psicologia das massas, apontando para a capacidade de um grupo exercer forte influência na vida mental do indivíduo. Seis anos depois, começa a pesquisar sobre civilização, educação, relações familiares, atitudes religiosas, e, em consonância com outros pensadores da época, enfatiza ideias e questões como as que serão incluídas no quesito "trabalho imaterial", por exemplo. Segundo Freud (1927, p. 17), "parece agora que a ênfase se deslocou do material para o mental". Em 1930, realiza sua terceira pesquisa mais famosa, sobre o mal-estar na cultura e, entre vários itens trata da função do trabalho na economia libidinal, e reafirma que o homem, "por assim dizer, tornou-se uma espécie de 'Deus de prótese'" (Freud [1930]: 111), raciocínio este que permeia linhas atuais de pesquisa sobre cibercultura, pós-humano, etc (SILVEIRA, Jr. 2010, p.6).

Em 1920, Freud havia proposto o conceito de "pulsão de morte" para dar conta de um fato com que se deparara em seu trabalho analítico. Ele verificara que no processo transferencial, nas brincadeiras das crianças e nos sonhos dos traumatizados de guerra havia uma verdadeira compulsão a repetir cenas angustiantes. Era preciso, então, entender o que acontecia, caso contrário, inviabilizava-se o processo psicanalítico de rememoração, que justamente encaminharia as experiências traumáticas na direção de melhores elaborações.

O conceito de "pulsão de morte" (*Todestrieb*) exprime um movimento que ele descobre estar necessariamente presente no psiquismo. A qualificação como "de morte" ocorre porque ele constata que este movimento se dirige à sua própria extinção enquanto movimento, e se opõe a uma "pulsão de vida". Entretanto, esta oposição perde força quando, em função dos avanços científicos posteriores, é possível considerar que a "vida" é apenas uma resistência do movimento à sua extinção. Assim, a Pulsão, agora sem o "de morte", pode ser considerada como única e presente em tudo que Há. Justamente, esta ampliação do

alcance do movimento pulsional vem permitir um novo conceito, o de Revirão – a ser explicado abaixo – o qual vai nortear uma grande reformatação do aparelho teórico e prático da Psicanálise nos anos 1980.

2.2.2 *O revirão*

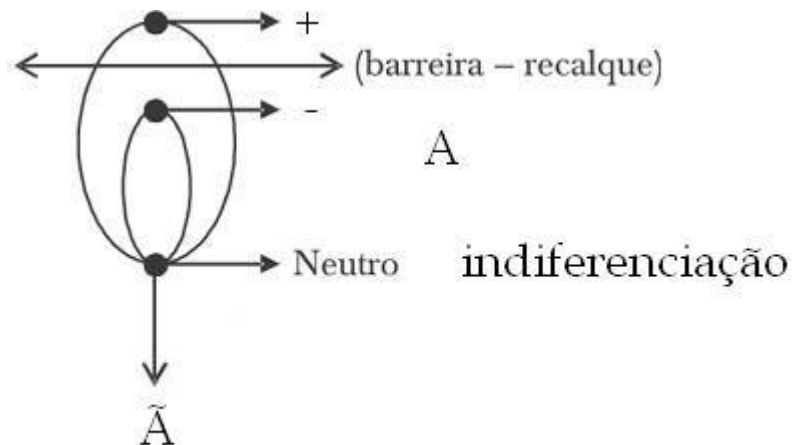
O conceito de pulsão é, pois, retomado nos anos 1980 e, para além de sua ocorrência nos processos psíquicos, passa a ser estendido ao movimento presente em tudo que há (ao Haver, outro conceito importante). Propõe-se que o homem e o cosmos estariam sob a permanente pressão de uma força constante no sentido de sua própria extinção, isto é, no sentido de não-Haver. Entretanto, como esta extinção não ocorre, tudo que há funciona em Revirão, isto é, tenta sair de si mesmo, não consegue porque não há um ‘fora’ para onde ir, então vê-se obrigado a ‘retornar’, revertendo e avessando seus percursos. É o que autores, pensadores e artistas têm detectado como reversões no decorrer da história: amor passar a ódio, amigo a inimigo, calor a frio, homem a pássaro (mediante avião), “sim” a “não”, por exemplo.

Então, como não há nada do lado de fora porque o não-Haver que o movimento almejou não existe, o que acontece é, como dito acima, um “retorno” ao Haver.

Há um reviramento: retorna-se em sentido contrário, do implosivo para o explosivo e, quando o caso é de última instância, como é o do Haver, o sentido é o mesmo, mas algo ali se reverte. A reversão aí é difícil de ser apanhada porque estamos na última instância do Haver, mas, em nosso cotidiano, é mais fácil porque são coisas menores, declinadas, decadências em relação à última instância. Temos facilmente a experiência de tentarmos algo, fracassarmos e voltar. Para onde? Para o lado oposto dessa tentativa. E isso organiza de certo modo nossa experiência segundo uma estrutura de espelho, de avessamento, catoptria (Magno, 2008, p.40).

O movimento pulsional, ao se deparar com a impossibilidade, revira sobre si mesmo como no processo descrito acima, indiferencia suas polaridades (+ / -), e “retorna” entre aspas, pois nunca saiu, já que não há um “fora” para onde ir. Abaixo, temos uma expressão gráfica do Revirão segundo o percurso longitudinal sobre uma banda de Moebius, na qual

ocorre a passagem de um pólo (+) a seu oposto (-) em continuidade. Isto porque sofre uma neutralidade por sempre estar em função de o movimento do Haver (A) estar direcionado a não-Haver (\tilde{A}):



Assim, na indiferenciação há uma equiparação dos pólos (positivo e negativo), os quais depois voltam a se polarizar. Ou seja, as polaridades voltam a ficar evidentes e o movimento continua para nova neutralização e assim por diante, sem fim. É esse conceito que aplicaremos ao que ocorre no diálogo entre Nixon e Frost, descrito no capítulo 4.2.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a abordagem neste projeto foi a pesquisa qualitativa que considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de caso. (GIL,1991)

Em um primeiro momento, este projeto recorre à revisão bibliográfica sobre a técnica da entrevista como um todo tanto nas Ciências Sociais quanto na Comunicação. Depois descreve conceitos da Psicanálise (Freud) e NovaPsicanálise (MD Magno) que podem apontar novos caminhos para o entendimento da entrevista no sentido jornalístico. Por fim, os conceitos da NovaPsicanálise são aplicados para fundamentar o estudo de caso sobre o filme Frost/Nixon que serve de exemplo prático da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise do filme Frost/Nixon

As reportagens de jornais impressos trazem, em geral, as falas das fontes entre aspas, e algumas vezes parafraseadas pelo repórter. Isso ocorre pela falta da imagem e do som, que são fatores que conferem certa “realidade” ao mostrarem como se desenvolve uma entrevista. Como os jornais impressos não têm essa característica audiovisual, o estudo de caso será realizado sobre um aspecto do filme *Frost/Nixon* (2008), do diretor Ron Howard, indicado a 5 Oscar (melhor filme, melhor direção, melhor edição, melhor ator (Frank Langella), melhor roteiro adaptado).

A trama remonta aos bastidores e toda a preparação para a maratona de entrevistas que duraram 12 horas e foram divididas em 4 sessões. O idealizador das entrevistas realizadas com o presidente Richard Nixon, após sua renúncia em 8 de agosto de 1974, foi o entrevistador britânico David Frost, um grande astro devido ao sucesso do programa televisivo “*That Was The Week That Was*”. No desfecho da trama, temos o relato de Jim Reston sobre o poder da imagem:

“O primeiro e maior pecado do engodo da televisão é que simplifica e reduz ideias grandes e complexas, grandes fatias de tempo. Carreiras inteiras são reduzidas a um momento. Primeiro, não entendi por que Bob Zelnick estava tão eufórico depois das entrevistas, ou por que John Birt ficou tão emocionado que arrancou a roupa e mergulhou no mar. Foi tudo antes de eu entender de fato o poder reducionista do close. Porque David conseguiu, no último dia, por um momento fugaz, o que nenhum jornalista investigativo, ou promotor, ou comitê judiciário, ou inimigo político tinha conseguido. O rosto de Richard Nixon, inchado e arruinado pela solidão, ódio a si mesmo e derrota” (HOWARD, 2008).

As imagens do filme se misturam às imagens reais dando um tom de documentário no filme. A cena principal que vamos analisar está na filmagem original e confere credibilidade a este estudo.

4.2 Contexto histórico da entrevista

O contexto histórico da entrevista é de extrema importância na vida política dos Estados Unidos, pois foi um fato inédito em 200 anos. Richard Nixon deixou a Casa Branca após o escândalo de Watergate, como cita o livro “Uma História Social da Mídia” (2006):

O presidente Richard Nixon foi obrigado a deixar o cargo em 1974, não em função da guerra, mas pelo escândalo doméstico de Watergate, forçado não por Walter Cronkite, mas por dois jovens repórteres do *Washington Post* (p.252).

Nos Estados Unidos, Richard Nixon, que obtivera uma vitória esmagadora sobre McGovern em 1972 e mais tarde livraria o país da Guerra do Vietnã, viu-se forçado a renunciar – o primeiro presidente norte-americano a fazer isso, como resultado do escândalo de Watergate. Nessas circunstâncias, o clima da década de 1960 deu lugar a temores sem precedentes de ruptura social, política e institucional (p.255).

Podemos entender que era um momento de ruptura, principalmente na política. Nixon revela em entrevista que fez atos ilegais porque ele era o presidente. Para a época, este “abuso de poder” transformou o episódio em um caso paradigmático de corrupção.

No material de bônus do DVD Frost/Nixon, temos a opção de assistir à “A verdadeira entrevista”, na qual os envolvidos na produção do filme relembram as consequências da real exibição da entrevista, que ocorreu em 1977. Em trecho da verdadeira entrevista o ex-presidente diz: “Eu mesmo me derrubei, eu lhes dei a espada. Eles a enfiaram em mim e torceram com prazer. Se eu estivesse no lugar deles, teria feito o mesmo”.

4.3 Aplicação do conceito psicanalítico de Revirão

Baseado no filme Frost/Nixon, do diretor Ron Howard, lançado em 2008, relataremos a última sessão de entrevistas realizada depois de três sessões “mal sucedidas”, nas quais o presidente Nixon dominou a conversa e o entrevistador não conseguia sequer

interagir. Na noite anterior a este encontro decisivo Nixon, após tomar umas doses de uísques, liga para Frost. Ele acha que é sua namorada, Srta. Cushing, telefonando da lanchonete e diz:

Frost: Eu quero um cheeseburger.

Nixon: Ótimo. Eu adorava cheeseburger mas o Dr. Lundgren me mandou parar de comer. Mandou que eu comesse queijo fresco e abacaxi. Chama de hambúrguer havaiano, mas não tem gosto de hambúrguer. Tem gosto de isopor.

Enquanto Nixon fala, Frost olha o relógio de pulso. Nixon coloca a ligação em viva voz e diz:

Nixon: Espero que não esteja incomodando.

Frost: Não.

Nixon: É sexta à noite. Você provavelmente está com visita.

Frost: Não.

Nixon: O que está fazendo? Um jovem bonitão, um jovem solteiro sozinho numa noite de sexta.

Frost: Se quer saber, estou me preparando para nossa sessão final.

Nixon: A importante sessão final.

Frost: Sim.

Nixon: Watergate. Creio que a forma que abordar Watergate vai determinar se as entrevistas serão um sucesso ou um fracasso. Eu deveria estar nervoso?

Frost: Bem, vou dar o melhor de mim.

Nixon: Muito bem. Sem amarras. Sabe, é estranho. Sentamos um de frente para o outro falando por horas, dias a fio, e não cheguei a conhecer você. Uma pessoa de minha equipe fez o seu perfil para esta entrevista. E sinto dizer que só pude ler esta noite. Tem coisas interessantes aqui: Sua criação metodista, as circunstâncias humildes, e depois a universidade importante cheia de gente rica e elegante. Qual foi? Oxford?

Frost: Cambridge.

Nixon: Os esnobes te desprezavam, não?

Frost: Claro que sim.

Nixon: É a nossa tragédia, não, Sr. Frost? Não importa o quanto subimos, eles ainda nos menosprezam.

Frost: Eu realmente não sei do que você está falando.

Nixon: Sabe sim. Deixe disso. Não importa quantos prêmios ou artigos são escritos sobre você ou a importância do cargo para o qual fui eleito, não basta. Ainda nos sentimos como um homem insignificante, o perdedor, foi como nos chamaram centenas de vezes. Os espertalhões da faculdade, os superiores, os bem-nascidos, as pessoas cujo respeito nós realmente queríamos, realmente desejávamos. E não foi

por isso que trabalhamos duro, que lutamos sem trégua, disputando para subir sem dignidade? Se somos honestos por um minuto, se refletimos em privado por um momento, se nos permitimos um olhar no lugar sombrio que chamamos de alma, não é por isso que estamos aqui? Nós dois? Buscando um lugar ao sol, sob os refletores, no pódio. Porque sentimos a queda. Estávamos fadados à lama! No lugar em que os esnobes disseram que terminaríamos. Na lama. Humilhados ainda mais por termos tentado com tanta gana. Para o inferno com tudo isso! Nós dois não vamos deixar que aconteça. Vamos calar esses malditos. Vamos fazê-los engolir nosso sucesso, nossas manchetes, nossos prêmios, poder e glória! Vamos fazer esses filhos-da-mãe sufocar. Estou certo?

Frost: Está. Só que apenas um de nós pode vencer.

Nixon: Sim. E eu serei seu adversário mais tenaz. Vou enfrentá-lo com todas as minhas forças, porque os refletores podem brilhar apenas para um de nós. Para o outro, será a escuridão, com nada nem ninguém por companhia, exceto pelas vozes dentro de nossa cabeça.

Nixon retira o modo “viva voz” do telefone e se despede.

Nixon: Deve dar para perceber que andei bebendo. Não demais. Só uma ou duas doses. Mas pode acreditar, quando chegar a hora, estarei focado e pronto para a batalha. Boa Noite, Sr. Frost.

Frost: Boa noite...

Nixon desliga o telefone.

Frost:...Sr. presidente.

A partir desse momento, Frost começa a se preparar melhor para a última entrevista, que, como consta na cláusula contratual, abordaria o caso Watergate. Propomos, então, que o primeiro momento de reviramento demonstrado na trama acontece (a) quando Frost, antes da última entrevista, ao ser criticado por seus assessores por apenas estar fazendo perguntas curiosas - como o motivo de Nixon ter levado a cama na qual dormia na Casa Branca para sua casa de campo - decide se preparar e estudar seu entrevistado, um político experiente. E (b) quando Nixon liga para Frost sinalizando que o enfrentaria de modo diferente do que fizera até então, tomando-o não mais apenas como opositor, mas como um interlocutor à altura de poder ouvir o que ele realmente teria a dizer.

O momento é decisivo para os dois, pois o sucesso de suas carreiras depende desta entrevista. Frost comprou a própria ideia e financiou com dinheiro de seu bolso e Nixon tentava refazer sua imagem política junto ao povo americano. Observamos que o conceito de

Revirão, aí neste momento específico, pode nos esclarecer sobre o que ocorre e tem uma consequência crucial para ambas as partes.

Ressalte-se que nem sempre o Revirão acontece, ou pode ser observado em entrevistas rotineiras, sem a devida importância como esta foi. O Revirão se aplica à situação como um todo. Primeiro, há uma tendência de polarização (quando os dois parecem se “atacar” e podemos entender que cada um ficaria em um dos pólos, um no positivo e outro no negativo). Depois, a polarização in-diferencia (quando a evidência de uma prova concreta do envolvimento de Nixon no caso Watergate é relatada), mas retorna quando a entrevista recomeça após o intervalo do assessor.

O momento da indiferenciação é o que possibilita a manifestação, ou mesmo o surgimento, da capacidade do entrevistador de perceber o furo no diálogo. O entrevistado deixa transparecer que algo mudou com o aparecimento desta nova prova, resultante da preparação prévia de Frost para a última sessão de entrevistas. Podemos, então, dizer que uma boa entrevista só acontece quando o entrevistado resolve falar e o entrevistador está disposto a ouvi-lo. Frost queria tocar no assunto polêmico de Watergate mas Nixon poderia ter negado sua participação. Ao invés disso, ele se abre e conta o que ocorreu na situação, dando a entender que, se Frost estivesse no lugar dele, como presidente, talvez não o julgasse tanto como estava fazendo.

O diálogo descrito abaixo é a entrevista final entre Richard Nixon e David Frost, filmada em 22 de abril de 1977:

Frost: Olhando seu último ano no poder, acha que obstruiu a Justiça ou tomou parte de uma conspiração para obstruir a justiça?

Nixon: Não. É interessante que use o termo “obstrução da justiça”. Talvez não tenha lido a lei sobre obstrução de justiça;

Frost: Na verdade, eu li.

Nixon: Leu? Então sabe que não diz respeito a simplesmente um ato. Prevê que deve haver um motivo corrupto. Nesse caso, não tive um motivo corrupto. O que fiz foi em interesse de uma contenção política.

Frost: Mas as consequências diretas de suas ações permitiram que dois dos criminosos escapassem do processo criminal. Como isso pode não ser uma cobertura ou uma obstrução de justiça?

Nixon: Creio que o histórico demonstra, Sr. Frost, que, longe de obstruir a justiça, eu estava ativamente facilitando a justiça. Quando Pat Gray, do FBI, ligou para mim no dia 6 de julho, eu disse: "Pat, continua sua investigação". É difícil chamar isso de obstrução de justiça.

Frost: Pode ser, mas por duas semanas antes de 6 de julho, estava desesperadamente tentando conter ou bloquear a investigação.

Nixon: Não. Espere um pouco. Eu não estava...

Frost: Não. Obstrução da justiça é obstrução da justiça, e não é defesa dizer que o plano falhou. Se eu tentar roubar um banco e fracassar, isso não é defesa. Tentei roubar o banco.

Nixon: Pode esperar um minuto, Sr. Frost? Não existe nenhuma prova de que eu estivesse...

Frost: Não existe prova porque 18 minutos e meio da conversa que teve com Bob Haldeman nesse período de junho foram misteriosamente apagados.

Nixon: Foi um descuido lastimável. Bob Haldeman toma notas de maneira rigorosa e conscienciosa. Suas notas estão lá, para todos verem.

Frost: Achamos algo ainda melhor do que suas notas, uma conversa com Charles Colson, que não foi publicada antes.

Nixon: Não foi publicada, você disse?

Frost: Não, mas um de meus pesquisadores a encontrou em Washington, está disponível ao público para consulta.

A partir da menção a prova, da conversa entre o Nixon e Colson, ele parece decidir que irá revelar o que realmente aconteceu. Ele fez porque tinha o poder de presidente. E o encaminhamento do entrevistador é o que pode ter contribuído para um ambiente favorável para a revelação.

Nixon: Será que já a vimos antes?

Frost: Mais do que isso, Sr. presidente. Foi o senhor quem disse as palavras. Sempre alegou que soube da invasão em 23 de junho.

Nixon: Sim

Frost: Mas a transcrição da fita gravada três dias antes disso, claramente mostra, que isso é uma inverdade. Nela, o senhor diz a Colson: “A investigação vai parar, a menos que um dos sete comece a falar. Esse é o problema”.

Nixon: O que quis dizer com “um dos sete comece a falar...”

Frost: Depois, há uma conversa com John Dean em 21 de março. Nesta transcrição, aqui, preto no branco, suas palavras são estas, primeiro: “Pode conseguir US\$ 1 milhão em dinheiro vivo. Sei que pode ser arranjado”. Segundo: “O principal é manter Hunt sob controle”. Terceiro: “Não temos que controlar a situação de Hunt?” Quarto: “Pegue o US\$ 1 milhão. Parece que vale a pena”. Quinto: “Não concorda que seria melhor começar a coisa de Hunt?” Sexto: “Primeiro, temos o problema de Hunt. Precisamos resolver”. Sétimo: “Precisamos arranjar o dinheiro. Ehrlichman pode arranjar um jeito de entregá-lo”. Oitavo: “Não temos escolha com Hunt, só os US\$ 120 mil ou o que seja, certo?” Nono: “Meu Deus, dê todo o dinheiro que tivermos”. Eu poderia continuar. Parece que alguém que está tentando encobrir algo não poderia ter se expressado melhor, não?

Nixon: Deixe-me interrompê-lo ai, porque está fazendo uma coisa que eu não fiz e não farei nestas entrevistas. Está me citando fora de contexto, fora de ordem. E digo mais: Participei destas entrevistas sem nenhuma nota para consultar.

Frost: Bem, é a sua vida, Sr. Presidente. Sempre sustentou que não sabia de nada até 21 de março. Mas em fevereiro, seu advogado pessoal foi a Washington para começar a levantar os US\$ 219 mil de dinheiro para calar os invasores. Espera mesmo que acreditemos que o senhor não tinha conhecimento disso?

Nixon: Não tinha mesmo. Acreditava que o dinheiro tivesse fins humanitários. Para ajudar pessoas carentes com a sua defesa.

Frost: Bem, estava sendo entregue em cabines telefônicas com nomes falsos e em aeroportos por pessoas usando luvas. Honorários de advogados são pagos assim geralmente?

Nixon: Olhe, fiz declarações sobre isso antes. São os negócios de Haldeman e Ehrlichman. Eu não sabia de nada. ...Certo! Você chegou a uma conclusão aí. Já expliquei minha versão, vamos mudar de assunto. Chega disso.

Frost: Não, espere.

Nixon: Não, não quero falar.

Frost: Se Haldeman e Ehrlichman foram os únicos responsáveis, quando o senhor descobriu, por que não chamou a polícia e mandou prendê-los? Foi uma cobertura de outro tipo?

Nixon: Talvez eu devesse ter feito isso. Chamar a polícia federal no meu gabinete e dizer: “Aqui estão os dois homens. Levem-nos daqui, tirem suas impressões digitais e joguem-nos no xadrez”. Não sou assim. Eu conheço as famílias de Haldeman e Ehrlichman. Eu os conheço desde que eram crianças. Mas politicamente, a pressão para que fossem processados se tornou insuportável! Então permiti. Cortei um braço, cortei o outro, e não sou um bom açogueiro! E sempre sustentei que o que eles estavam fazendo não era um crime. Quando se está no poder, é preciso fazer muita coisa que não é, no sentido estrito da lei, legal, mas você faz essas coisas porque é do maior interesse da nação.

Frost: Certo. Deixe-me ver se entendi direito, está dizendo que, em certas situações, o presidente pode decidir se é do interesse da nação e fazer algo ilegal?

Nixon: Estou dizendo que, quando o presidente faz, não é ilegal.

Frost: Como?

Nixon: É nisso que acredito. Mas percebo que ninguém concorda comigo.

Frost: Neste caso, então, o senhor aceita esclarecer tudo de uma vez por todas, admitir que participou da cobertura e violou a lei?

Neste momento um dos assessores de Nixon interrompe a entrevista, pedindo intervalo. Em uma sala fechada, o presidente agradece a preocupação do assessor mas diz que não vai continuar negando tudo. A revelação mais importante já foi feita: “Quando o presidente faz, não é ilegal”. A entrevista recomeça e podemos acompanhar a sequência do percurso do Revirão após a primeira indiferenciação. Se no primeiro momento a recusa (-) em falar se transforma em desejo (+) de falar, agora o processo se reafirma e cabe a Frost conduzir a fala de modo a explicitar o que Nixon tem a dizer, isto é, que cometeu erros, mas que não viu como agir diferentemente na situação em que estava.

Frost: Sr. Presidente, estávamos falando do período de 21 de março a 30 de abril e dos erros que cometeu. Eu estava pensando, chamaria seus atos de algo além de “erros”? A palavra parece não ser o suficiente para que as pessoas entendam.

Nixon: Qual palavra você usaria?

Frost: Minha nossa! Certo...Já que me perguntou, há três coisas que as pessoas gostariam de vê-lo dizer. Primeiro, que foram mais que erros. Que foram delitos. E que deve ter havido um crime. Segundo: “Eu abusei do poder que tinha como presidente”. Terceiro: “Permiti que o povo americano tivesse dois anos de agonia desnecessária e me desculpo por isso”. Sei como é difícil, para qualquer um, especialmente para o senhor, mas acho que as pessoas precisam ouvir. E acho que, a menos que diga, será assombrado pelo resto da vida.

Nixon: Bem, é verdade. Cometi erros, erros terríveis, erros que não são dignos de um presidente, erros que não atingem o padrão de excelência que sonhei quando era menino. Mas você se lembra, foi uma época difícil. Estava em meio a uma guerra de cinco anos contra uma mídia partidária, um Congresso partidário, um Comitê Ervin partidário. Mas admito que houve momentos em que não cumpri a responsabilidade e me envolvi em uma cobertura. Por todos esses erros, eu lamento muito. Ninguém sabe como é renunciar à Presidência. Agora, se quer que eu me jogue no chão e me humilhe...Não! Nunca! Continuo insistindo que foram erros do coração. Não foram erros da cabeça. Não culpo a ninguém. Eu derrubei a mim mesmo. Dei a eles uma espada e eles enfiaram e giraram com deleite. Acho que se eu estivesse no lugar deles, teria feito o mesmo.

Frost: E o povo americano?

Nixon: [Pausa] Eu o decepcionei. Eu decepcionei meus amigos. Eu decepcionei o país. Pior ainda, decepcionei nosso sistema de governo. Todos os sonhos dos jovens que querem estar no governo, mas agora pensam: “É tudo corrupto. É [Pausa] decepcionei o povo americano e carregarei esse fardo até o fim da vida. [Pausa] Minha vida política acabou.

(Fim da entrevista)

Como fica evidente no diálogo, a carreira política de Nixon, que não ia bem, acaba de “morrer”. Enquanto a fama ocasionada por esta entrevista consolidará o nome de Frost como um entrevistador eficiente, já que muitos duvidavam de sua capacidade como profissional.

Nova polaridade então se estabelece, o que não impede de, no final do filme, demonstrar Nixon e Frost em conversa cordial: ambos se sentem capazes de um entendimento franco do que efetivamente ocorrera – e parecem ter condições de enfrentar com bastante clareza as consequências futuras de suas trajetórias profissionais, para bem ou para mal. Segue abaixo, o último diálogo entre os dois, quando Frost vai a San Clemente se despedir de Nixon.

Nixon: Olá Sr. Frost. Que prazer vê-lo. Olá Srta. Cushing.

Frost: Olá...

Nixon: Perdoem minha roupa de golfe. É o uniforme especial dos aposentados.

Frost e Srta Cushing: risos

Nixon: Está indo para casa?

Frost: Sim.

Nixon: É o início de uma fase brilhante de novos projetos e desafios, não?

Frost: Espero que sim.

Nixon: Que bom. Não assisti às entrevistas quando foram transmitidas, mas me disseram que foram um grande sucesso. Creio que os jornalistas foram muito positivos com você, mas nem tanto comigo.

Frost: Sinto muito.

Nixon: Não há necessidade para condolências. Não espero nada daqueles filhos-da-puta. Nossa! Por favor, me perdoe, Srta. Cushing. Deveria ter dito “filhos de uma

cadela”, mas Manolo (mordomo) adora cachorros e detesta que eu difame os animais.

Manolo: Gostariam de beber algo?

Nixon: Sim...Gostariam de chá ou champanhe? Tenho caviar que o Xá do Irã me enviou.

Frost: Não, obrigado.

Nixon: Tem certeza? Não é problema nenhum.

Frost: Não, precisamos ir.

Nixon: Certo. Obrigado por vir. Foi um adversário de valor.

Frost: Adeus, Sr. Presidente.

Nixon: Adeus.

Frost: Meu Deus! Quase esqueci! Eu trouxe um presente para o senhor, os sapatos que gostou. Comprei um par de presente.

Nixon: Puxa. Obrigado. Estou tocado. Tenha uma boa viagem. [pausa] David, posso falar com você em particular por um minuto? Sabe essas festas que você dá? Essas festas que saem nos jornais? Gosta mesmo delas?

Frost: Claro.

Nixon: Não tem ideia de como isso o torna afortunado. Sabe? Gostar das pessoas e pessoas gostarem de você. Você tem essa facilidade, essa leveza, esse charme. Eu não tenho isso. Nunca tive. Me faz pensar, por que escolhi uma vida que depende de ser amado. Tenho mais vocação para uma vida de pensamento, debate, disciplina intelectual. Talvez tenhamos feito tudo errado. Você deveria ser político e eu o rigoroso entrevistador.

Frost: Talvez.

Nixon: David. Eu realmente liguei para você naquela noite?

Frost: Sim.

Nixon: Discutimos algo importante?

Frost: Cheeseburgueres.

Nixon: Chesseburgueres? [pausa]

Frost: Adeus, senhor.

5 CONCLUSÃO

O jornalismo contempla atividades que exigem uma ampla preparação do profissional de Comunicação. Ele tem que saber lidar com pessoas, que serão suas fontes, e a relação que conseguir estabelecer com elas influenciará diretamente seu trabalho.

Por isso, cabe destacar a importância de estudar as teorias do jornalismo, cabe também reforçar a observação das peculiaridades humanas, como o movimento pulsional presente em nosso psiquismo. A Comunicação conseguirá obter resultados interessantes quando dialogar com outras áreas do conhecimento como a Psicanálise.

Mais que separar a noção de subjetividade e objetividade é preciso entender a produção jornalística como um todo. Justamente porque não se pode separar o que é subjetivo e objetivo quando se trata de pessoas.

A entrevista é um processo que compreende o envolvimento de dois personagens, o entrevistador e o entrevistado. Dessa interação, dependente da postura adotada por ambos na situação, é que surgirá o que podemos definir como “nova informação”. Mais que forçar o entrevistado a confirmar crenças do entrevistador, este deve saber escutar sua fala e compreender seu comportamento. Além disso, deve proceder a um deciframento delicado do que se realiza durante essa breve convivência que é a entrevista.

A conclusão do jornalista está vinculada aos interesses e funções dos meios de comunicação e deve servir ao interesse público sobre os mais variados assuntos. Na entrevista do presidente Nixon concedida ao entrevistador David Frost, deu-se a oportunidade que os americanos esperavam de saber o que efetivamente acontecera no caso Watergate. A televisão permitiu ao público seguir com seus próprios olhos a fala do presidente Nixon. Podemos, pois, dizer que essa potencialidade audiovisual – de tornar visível e audível – foi a que pesou. Mais do que qualquer relato feito por um repórter, realizada para veículo impresso.

Concluimos que o jornalista deve abandonar determinados “preconceitos” e tentar criar um ambiente mais favorável para o entrevistado. Se o profissional não estiver aberto a ouvir sua fonte, ou não demonstrar interesse pelo assunto, certamente não conseguirá obter as informações tão necessárias para a realização de sua função, que compreende traduzir e informar ao maior número de pessoas fatos relevantes do cotidiano.

6 REFERÊNCIAS

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Um História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica: Paulo Vaz. 2ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GARRETT, Annette. **A entrevista, seus princípios e métodos**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159p.

HOWARD, Ron. Diretor do **filme Frost/Nixon 2008**, produzido por Brian Grazer, Tim Bevan e Eric Fellner para a *Universal Pictures*. Recebeu 5 indicações ao Oscar 2009: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Frank Langella, no papel de Nixon), Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Montagem.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAGNO, MD. **A Psicanálise Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: conferências introdutórias à Nova Psicanálise**. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.

MEDINA, Cremilda Araújo. **Entrevista, o Diálogo Possível – Série Princípios**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MORIN, Edgar. Centre National de la Resherche Scientifique - Communications n.7/1966 . **Televisão e Canção: Liguagem da Cultura de Massas – Seleção de ensaios da Revista “Communications”**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1966.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVEIRA JR, Potiguara Mendes da. **Transformática: programa original de pesquisa em Comunicação**. Lumina: Revista da Faculdade de Comunicação/UFJF, v.2, n.3, p. 79-108, junho-dezembro 1999 [texto incluído em SILVEIRA, JR, 2006, p. 1-31]

_____. **O que é “comunicacional”...conhecimento, pesquisas & psicanálise**. Apresentado no II Seminário Epistemologia e Pesquisa em Comunicação, promovido pelo PPGCOM/UFJF, 20 a 22 de outubro, Juiz de Fora/MG, 2010.

TWAIN, Mark. **"Concerning the 'Interview'(Sobre a 'Entrevista')** escrito em 1899-90. Copyright (c) 2001 da Mark Twain Foundation. Reprodução cedida pela University of California Press. Folha de São Paulo. Ilustríssima. São Paulo, 18 de julho de 2010.